

Pessoa breve

FERNANDO PESSOA

POEMAS ESCOLHIDOS DE
ÁLVARO DE CAMPOS

edição

FERNANDO CABRAL MARTINS

RICHARD ZENITH

ASSÍRIO & ALVIM

PREFÁCIO

Álvaro de Campos é o mais expansivo dos heterónimos, o mais aventureiro, o mais complicado. Representa o papel do poeta provocador, cujas regras são as da originalidade e da energia solta. A sua própria incapacidade de seguir o caminho simples das sensações, indicado pelo mestre Caeiro, lhe acrescenta dramatismo e fulgor. E, no entanto, ninguém como ele compreende a lição de liberdade que o mestre transmite, ninguém como ele a faz sua nos versos torrenciais que desalinha.

Segundo escreve Pessoa em 1935 na Carta sobre a Génese dos Heterónimos, Álvaro de Campos nasce em Tavira em 1890, a 15 de outubro (que, talvez não por acaso, é o aniversário de Nietzsche), e estuda em Lisboa, onde lhe ensina latim um tio beirão e padre, e, depois de «uma educação vulgar de liceu», vai cursar «engenharia primeiro mecânica, e depois naval» na Escócia, em Glasgow. Em 1913 faz sozinho uma viagem de barco ao Oriente. Quando regressa, vai num passeio ao Ribatejo e conhece Alberto Caeiro. Parte então para Londres, onde escreve a *Ode Triunfal*, que é publicada no *Orpheu* 1 junto com o *Opiário* que tinha escrito na sua viagem ao Oriente. Depois, faz sair no *Orpheu* 2 a *Ode Marítima*. Quanto ao aspeto físico, continua Pessoa na referida carta, «é alto (1,75 m de altura, mais 2 cm do que eu), magro e um pouco tendente a curvar-se». E diz ainda que o seu aspeto é «entre branco e moreno, tipo vagamente de judeu português, cabelo, porém, liso e normalmente apartado ao lado, monóculo».

Álvaro de Campos publica regularmente na imprensa. Entre os heterónimos, é o único, além de Fernando Pessoa, a ter esse grau de presença pública. Identificado publicamente, a par de Raul Leal, como o «doido do *Orpheu*», o seu *Ultimatum* no *Portugal Futurista* é uma das causas da apreensão da revista pela polícia. Vai depois trabalhar para Inglaterra, em Barrow-in-Furness e em Newcastle, de onde escreve, em 1922, uma carta à *Contemporânea*. Depois volta a Lisboa, onde publica o seu *Lisbon Revisited* (1923) e lança um manifesto de apoio a Raul Leal e António Botto, o *Aviso por causa da Moral*. Em 1924 publica dois artigos na *Athena*. Aquando do seu último regresso, publica um segundo *Lisbon Revisited* (1926). A partir daí, fica em Lisboa a viver «em inatividade».

Quando o engenheiro Álvaro de Campos aparece no *Orpheu*, em 1915, é de imediato associado ao Futurismo. Mas a sua relação com a Vanguarda é menos evidente do que pode parecer. A estranheza do seu caso pode, aliás, ser ilustrada por um certo «epitáfio em prosa» que Pessoa escreve a seu respeito: «Foi o único grande Resultado do Futurismo. Não foi um resultado do Futurismo».

Por outro lado, o referido manifesto em defesa de Raul Leal e António Botto vem assinado «Álvaro de Campos / Europa, 1923». Deste modo, o seu nome condensa a grande sede de cosmopolitismo do Modernismo português. O que o marca de modo mais profundo é o estar ligado à Europa contemporânea, e Lisboa é só uma cidade que vai revisitando até se deixar lá ficar.

Álvaro de Campos começa por ser o poeta decadente do *Opiário*, publicado no *Orpheu* com a *Ode Triunfal*. Esta primeira fase de Álvaro de Campos é acrescentada, como se explica na Carta sobre a Génese dos Heterónimos: o *Opiário* é escrito por Pessoa

depois da *Ode Triunfal*, para ilustrar com um poema a sua fase decadente pré-sensacionista. É, assim, exposto por Pessoa todo um jogo de construção biográfica e de criação de efeitos ficcionais em torno de Álvaro de Campos, que vemos de perto sofrer sucessivas transformações. Primeiro, é o poeta da tradição simbolista que é tocado pela febre do Moderno e passa a escrever à «dolorosa luz das grandes lâmpadas elétricas da fábrica» — *Ode Triunfal*. Depois, é o poeta sensacionista que perde a fé na «civilização moderna» e fica reduzido às suas sensações — *Lisbon Revisited* (1923). A verdade é que a figura assim inventada parece mesmo ganhar vida própria, e chega a interferir na vida amorosa de Pessoa, citado que é numa carta da primeira fase do namoro deste com Ofélia (em 15-10-1920: «Trocaram-me pelo Álvaro de Campos!»). E, mais tarde, Álvaro de Campos escreve uma carta à namorada de Pessoa (a 25-9-1929), tal como há-de enviar um telegrama a José Régio (em 24-3-1928) como se fosse um seu amigo.

Os textos assinados por Álvaro de Campos tendem a apresentá-lo como um microcosmo da própria heteronímia. Um exemplo é esta resposta a um inquérito de 1926, publicada no jornal *A Informação*: «nada tem, cientificamente falando, existência “real”. As coisas são sensações nossas, sem objetividade determinável, e eu, sensação também para mim mesmo, não posso crer que tenha mais realidade que as outras coisas. Sou, como toda a gente, uma ficção do *intermezzo*, falso como as horas que passam e as obras que ficam, no rodopio subatômico deste inconcebível universo». Aqui, não só é sintetizada a teoria das sensações que está na base da heteronímia como é definido o tom desta personagem, que se faz o herói de um Sensacionismo

sem limites, que parte da «ciência de ver» de Alberto Caeiro e acaba por torná-la uma «perversão» (*Ode Triunfal*: «Ah, olhar é em mim uma perversão sexual!»).

Noutra resposta ao mesmo inquérito de *A Informação*, Álvaro de Campos define-se como poeta. Aí, é sobretudo a emoção o seu elemento: «Não tenho preocupação intelectual ao escrever. Tenho a única preocupação de emitir emoções, deixando à inteligência que se aguarde com elas o melhor que puder». E essa emoção que se transforma em versos pode ter todos os suportes e todos os objetos. É uma energia específica, que combina o corpo e a imaginação, e que se liberta com uma violência sem paralelo na poesia portuguesa.

Mas nele a pujança da sensação está contaminada de inteligência, a emoção não suprime a razão, e a ideia da poesia como irrupção espontânea não exclui a sua autoconsciência como fabricante. É essa a característica do modo sensacionista, por exemplo, na *Tabacaria*. E tudo isto torna Álvaro de Campos o modernista mais complexo da cena pessoana. O próprio desígnio racional que reivindica na *Ode Marítima* («um verdadeiro prodígio de organização», segundo Thomas Crosse, um heterónimo inglês especializado em ensaio e tradução literária), vem sublinhar a qualidade de um «supra-Camões» capaz de integrar todos os tempos e todos os modos num grande gesto poético.

Quando a *presença* começa a sair em 1927, e Álvaro de Campos já se encontra em definitivo em Lisboa, passa então a publicar os seus textos quase todos nessa revista. Dentre eles, o mais importante é *Tabacaria*, que marca a última fase criadora de Pessoa (aquela em que Bernardo Soares se torna autor do

Livro do Desassossego). Datado de 15 de janeiro de 1928 (apenas publicado na *presença* 39, de 1933) é o poema de um Eu pulverizado pelo tempo, que figura a experiência moderna do caos dos valores. Conclui com o desenho minimalista de um instante de plenitude, através do olhar, da saudação trocada com o Esteves e do sorriso do dono da tabacaria.

Mas é raro Álvaro de Campos ser assim simples e feliz, num desígnio tão claro e sintético. Porque sente de mais, tudo e de todas as maneiras, e até chega a sentir (a pressentir) o que está do outro lado das coisas, a «Verdade Final» (*Demogorgon*). Mas, sobretudo, sente com uma liberdade de imaginação e uma invenção prosódica e composicional únicas na obra de Pessoa.

II

Ah o crepúsculo, o cair da noite, o acender das luzes nas grandes
cidades,

E a mão de mistério que abafa o bulício,
E o cansaço de tudo em nós que nos corrompe
Para uma sensação exata e precisa e ativa da Vida!
Cada rua é um canal de uma Veneza de tédios
E que misterioso o fundo unânime das ruas,
Das ruas ao cair da noite, ó Cesário Verde, ó Mestre,
Ó do «Sentimento de um Ocidental»!

Que inquietação profunda, que desejo de outras cousas,
Que nem são países, nem momentos, nem vidas,
Que desejo talvez de outros modos de estados de alma
Humedece interiormente o instante lento e longínquo!

Um horror sonâmbulo entre luzes que se acendem,
Um pavor terno e líquido, encostado às esquinas
Como um mendigo de sensações impossíveis
Que não sabe quem lhas possa dar...

Quando eu morrer,
Quando me for, ignobilmente, como toda a gente,

Por aquele caminho cuja ideia se não pode encarar de frente,
Por aquela porta a que, se pudéssemos assomar, não
assomaríamos,

Para aquele porto que o capitão do Navio não conhece,
Seja por esta hora condigna dos tédios que tive,
Por esta hora mística e espiritual e antiquíssima,
Por esta hora em que talvez, há muito mais tempo do que
parece,

Platão sonhando viu a ideia de Deus
Esculpir corpo e existência nitidamente plausível
Dentro do seu pensamento exteriorizado como um campo.

Seja por esta hora que me leveis a enterrar,
Por esta hora que eu não sei como viver,
Em que não sei que sensações ter ou fingir que tenho,
Por esta hora cuja misericórdia é torturada e excessiva,
Cujas sombras vêm de qualquer outra coisa que não as cousas,
Cuja passagem não roça vestes no chão da Vida Sensível
Nem deixa perfume nos caminhos do Olhar.

Cruza as mãos sobre o joelho, ó companheira que eu não tenho
nem quero ter,
Cruza as mãos sobre o joelho e olha-me em silêncio
A esta hora em que eu não posso ver que tu me olhas,
Olha-me em silêncio e em segredo e pergunta a ti própria
— Tu que me conheces — quem eu sou...

30-6-1914